

DIÁLOGOS ENTRE MURILO MENDES E GEORGES BERNANOS

Teresa de Almeida Arco e Flexa
Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Georges Bernanos subia de vez em quando a escada da casa onde eu me achava doente no Rio de Janeiro, durante a segunda Guerra Mundial.”¹ A voz que se ouve é do poeta Murilo Mendes e a cena evocada encontra-se num texto intitulado “Bernanos: Instantané”, de 1961, elaborado em Roma, inserido numa obra de sua autoria, *Papiers* (1931-1974), constituída somente de escritos em língua francesa.

Assim, ao lado de textos em versos ou prosa homenageando artistas plásticos e poetas, conhecidos vários deles por Murilo Mendes em suas viagens pela Europa - tais como, Pierre Jean Jouve, Max Ernst, Arp, ou o líder do surrealismo, André Breton - lê-se o nome de Georges Bernanos. Neste título sugestivo, “Bernanos: Instantané”, conotando a presença do tempo fugaz (instantâneo) mas por outro lado fixando de modo indelével, como numa fotografia para o poeta, a imagem do autor de *Sous le Soleil de Satan* que habitara entre nós durante o conflito mundial, de 1939 a 1945, principalmente em Minas Gerais.

Trata-se portanto, aqui, de abordar o encontro dos dois intelectuais - o brasileiro, profundamente vinculado à cultura francesa e que nos anos cinquenta viria a morar na Europa, Itália, e o estrangeiro, o francês, que na adolescência já se interessara pela América Latina e que aqui permaneceria durante alguns anos. Tal encontro nos é sugerido por “Bernanos-Instantané” feito de reminiscências de Murilo Mendes, de curta extensão, conforme o indica o título, com uma dezena de fragmentos reconstituindo de certa maneira a figura física e a personalidade do outro intelectual,

¹ MENDES, Murilo. “Bernanos: Instantané”. In: *Papiers. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p.1571-1572.

enfocado de diversos ângulos. Observa-se então que predomina o emprego do tempo Imperfeito em tais fragmentos, na visualização dos aspectos vários de Bernanos, permitindo esse tempo verbal o processo da reiteração ao longo das lembranças, tornando-as mais densas, preenchendo certamente na memória do poeta o vazio da ausência agravada sobretudo pela morte do romancista francês que ocorrera em 1948.

Deste modo Murilo Mendes focaliza o autor de *Journal d'un Curé de Campagne* em posturas diferentes, o leitor vindo a apreender a imagem de algum modo oscilante do romancista com sua gestualidade exacerbada (lançando invectivas), ou quase humilde (apoiando-se fatigado nas muletas) ou voltada para Deus: “Mal se instalava numa poltrona, ele invectivava contra a chuva, contra o sol, contra Pétain”; “Era muito comovente para mim ver e ouvir o grande escritor cansado, apoiado nas muletas”; “Bernanos, essa eterna criança terrível, conhecia a fundo o poder do pecado”, e ainda “Esse homem vertical orava”. E numa das frases finais de “Bernanos: Instantané”, nesse tipo de literatura de testemunho penetrado de poesia e em que se destaca a importância do espectador diante do objeto relembado, lê-se: “Vislumbrava-se então nesse bom inquisidor, nesse cavaleiro dos oprimidos contra os erros inumeráveis do século vinte, um poeta.”²

É pertinente salientar que os intelectuais à volta de Georges Bernanos, no Brasil, nos anos trinta e quarenta (nesse período crucial de conflagração européia e de ditadura getulista), como Tristão de Athayde, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt ou Lúcio Cardoso, eram católicos. Época em que o autor francês, em Pirapora, renuncia num gesto extremo à literatura romanesca, após ter concluído o magnífico romance, *Monsieur Ouine*, devotando-se apenas à criação de violentos panfletos anti-nazistas, a maioria deles reunidos na obra *Le Chemin de la Croix-des-Âmes*.

² Op. cit., p.1571-1573.

Convém ainda lembrar que Murilo Mendes, nessa linha memorialística que marca várias de suas obras, nos anos quarenta escrevera uma série de crônicas, *Recordações de Ismael Nery*, visualizando a figura do artista e amigo Ismael Nery - que lhe transmitira, vindo de Paris, informações a respeito do surrealismo - e cuja morte em 1934 causaria a sua conversão para o catolicismo. Conversão esta que se realizou de forma dramática, conforme testemunhos da época, provocando surpresas e críticas no meio intelectual. Por exemplo, o jovem Carlos Lacerda, o futuro líder direitista do país, então comunista, escreveria na *Revista Acadêmica* (Rio de Janeiro, 1935) um artigo intitulado ironicamente “In memoriam de Murilo Mendes”.

Inúmeras reflexões em torno do catolicismo ou cristianismo permeiam o livro *Recordações de Ismael Nery*, em que Murilo Mendes discorre não apenas sobre movimentos estéticos da época, como em particular sobre a personalidade profundamente mística e vidente do amigo pintor, destacando a militância religiosa deste e o seu desprendimento das coisas materiais, conduzindo-se na vida moderna tal um São Francisco.

Salientamos esses aspectos em Murilo Mendes, evidenciados na obra *Recordações de Ismael Nery* - a sua adesão ao catolicismo, doutrina que em sua concepção deveria atender às reivindicações sociais, a admiração pelo amigo, Ismael Nery, voltado para os problemas da humanidade - porque em seu texto sobre Georges Bernanos, ao relembrar a imagem deste, certamente ali expõe suas próprias inclinações ideológicas. E quanto à postura populista de Murilo, dentro do ambiente católico brasileiro, o crítico e ensaísta Tristão de Athayde numa entrevista de 1983 declarou que esse poeta era radicalmente favorável a uma “união da Igreja com o povo e não da Igreja com o Estado”.

É interessante lembrar também que a conversão de Murilo Mendes o levaria a escrever em 1935, em parceria com outro poeta profundamente católico - e que seria alguns anos depois amigo de

Bernanos - Jorge de Lima, a obra *Tempo e Eternidade*, dedicada ao pintor morto, Ismael Nery. E que neste livro, ambos, Murilo Mendes e Jorge de Lima, buscando tratar conteúdos religiosos com formas inegavelmente novas, voltaram-se para um cristianismo renovado ou, conforme eles próprios o declararam, para a “restauração da poesia em Cristo”. Aliás, quanto à renovação da literatura cristã, nos anos 30, Alfredo Bosi informa em *História Concisa da Literatura Brasileira*: “Um Péguy, um Bloy, um Bernanos, um Claudel dariam temas e formas ao novo catolicismo latino-americano que neles e nos ensaios de Maritain viu uma ponte segura entre a ortodoxia e algumas formas modernas de pensamento (Bergson), de praxis (democracia, socialismo) e de arte. Veio de Murilo a manifestação literária mais radical dessa diretriz no Brasil.”³

Há, pois, nesta obra, *Tempo e Eternidade*, de Murilo e Jorge de Lima, elogiada ou desvalorizada por uns e outros, uma linguagem bíblica na qual irrompem, num tom apocalíptico, imagens de uma beleza fulgurante. Exemplificando, no poema “A Testemunha”:

“O céu se retira como um livro que se enrola

Um anjo blindado solta os sete pecados mortais,

Mulheres-cavalos galopam furiosamente nas ruas”

Em traços rápidos, este era o contexto literário no final dos anos trinta, em que se encontrava Georges Bernanos, em seu convívio com determinados intelectuais brasileiros, enquanto irrompia a guerra no continente europeu. No texto de Murilo Mendes, “Georges Bernanos: Instantané”, como já se viu, 13 anos após a morte do romancista, o poeta, na Europa, na Itália, em língua francesa, rememora através da escritura os seus colóquios com o romancista estrangeiro. Por um instante, para o leitor, é como se houvesse um confronto concreto, real entre ambos: Bernanos subindo as escadas de uma casa, na cidade do Rio de Janeiro, sentando-se na poltrona diante do amigo doente e já revelando o seu

³ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, 37ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p.448.

temperamento explosivo ao se referir à guerra com seus protagonistas terríveis ou grotescos -Stalin, Pétain e Hitler:

“Mal se instalava numa poltrona e ele invectivava contra a chuva, contra o sol, contra Pétain, contra Hitler, contra Stalin, contra Claudel e todos os acadêmicos, contra a General Electric...”

Certamente há um tom afetivo quase irônico ou cômico mesmo na forma de Murilo abordar de início o discurso ardente e repleto de invectivas de Georges Bernanos. Procedimento retórico, a **invectiva**, usado frequentemente pelo autor francês em particular em seus escritos de combate, como sabem os leitores de suas obras, políticas em particular, tais *Les Grands Cimetières sous la Lune* ou os panfletos de *Le Chemin de la Croix des Âmes* ou *Lettre aux Anglais*. Lembramos, então, uma de suas invectivas célebres, citada com frequência, extraída de *Chemin de la Croix des Âmes* e que sem dúvida impressionaria fortemente no Brasil intelectuais como Sérgio Milliet e Murilo Mendes pela força de sua coragem e retórica. Aqui ouvimos Bernanos em seu discurso violento contra o governo e autoridades eclesiásticas colaboracionistas no panfleto “Nous vous jeterons sur le parvis”, a propósito da prisão de Georges Mandel, político francês de origem judaica:

“(…) - entendez-vous bien, chiens qui vous êtes - chaque goutte de ce sang juif versé en haine de notre ancienne victoire nous est plus précieuse que toute la pourpre d'un manteau de cardinal fasciste - est-ce que vous comprenez bien ce que je veux dire, amiraux, maréchaux, Excellences, Éminences et Révérences?”⁴

Mas há igualmente referências no texto muriliano, “Instantané”, à generosidade do autor de *Journal d'un Curé de Campagne*, ao seu conhecimento da Redenção e do resgate operando-se através de Cristo, ciente de que ninguém se salva solitário mas somente na comunhão com o outro:

⁴ BERNANOS, Georges. *Le Chemin de la Croix-des-Âmes*. (Org. Brigitte e Jean-Loup Bernanos). Monaco: Le Rocher, 1987, p. 513.

“Suas apóstrofes e invectivas eram acompanhadas por um charme que provinha de uma bondade fundamental.”

Prosseguem os fragmentos, sempre se destacando em primeiro plano a figura do romancista, crescendo esta para o leitor até o final do texto, com sua gestualidade e intuição inesquecíveis. Assim, para Murilo, Bernanos conhecia a fundo o poder do pecado e sentia forte atração e repulsa ao mesmo tempo pela figura do sacerdote com seu ofício altamente significativo, o da confissão. Aqui o leitor de “Instantané” rememora o padre Donissan de *Sous le Soleil de Satan* numa peregrinação atormentada pelos caminhos dúbios da santidade ou o pároco de Ambricourt com o seu diário nas longas noites de solidão e angústia em *Journal d’un Curé de Campagne*.

E quanto ainda à personagem do sacerdote, fundamental na obra bernanosiana, evocada por Murilo Mendes, há certamente o pároco de Fenouille em *Monsieur Ouine*. O sacerdote que recebera delações anônimas a propósito de um crime na aldeia e que num clima de estranheza discursa em sua paróquia referindo-se em imagens insólitas à configuração do inferno: “Vous vous sentez tout transis, tout froids. On parle toujours du feu de l’enfer, mais personne ne l’a vu, mes amis. L’enfer, c’est le froid.”⁵

No desfecho do texto, Murilo Mendes - evidenciando-se mais uma vez as afinidades entre os dois intelectuais - alude aos olhos de Bernanos, de um azul intacto “dois sóis de um azul claro”, infatigáveis no desvendamento do mal “vasculhando do lado do príncipe deste mundo” ou antes do demônio. Personagem esta a qual o poeta, num depoimento ao lado de outros depoimentos de brasileiros como Tristão de Athayde, Jorge de Lima - reunidos pelo ensaísta Albert Béguin após a morte do ficcionista - refere-se de forma contundente ao assinalar a irreverência de Bernanos em relação à própria Igreja :

⁵ BERNANOS, Georges. *Romans*. Paris:Plon, 1994, p.1119.

“Sachant que le démon se cache dans la maison du Seigneur, il (Bernanos) ne craignait pas de dénoncer son action secrète partout où il l’apercevait, et jusque dans le Secrétariat de l’État du Vatican, dans les Congrégations ou bien dans les anti-chambres de certaines Éminences. Il s’attaqua au monstre totalitaire, où qu’il fût. Il était contraint à l’excès, car son Ennemi est excessif.”

No ponto de vista do poeta mineiro, Bernanos adaptara-se bem ao Brasil, talvez em virtude da anarquia, do gosto pela liberdade que há neste país “anti-conformista e anti-cartesiano”. Demorou-se portanto, entre nós, esse “homem vertical” que rezava e idolatrava Jeanne d’Arc. Esta Jeanne d’Arc que se tornou igualmente para Murilo - fato aproximando-o ainda do escritor francês - objeto de inspiração num poema marcado pela modernidade, constando da obra *Papiers*. E no qual a santa guerreira parece surgir como símbolo da paz:

“Le feu de Jeanne d’Arc.

L’hôtel de Jeanne d’Arc.

L’autel de Jeanne d’Arc.

L’arc-en-ciel de Jeanne d’Arc.

L’arcanisation de Jeanne d’Arc.

L’avenir sans Bombe. Sans épée. La paix.”⁶

A figura memorável do autor estrangeiro, vertical pela prece ou inclinada sobre as muletas, permaneceu sem dúvida no imaginário de Murilo Mendes. E também permanecem para o leitor de “Bernanos:Instantané” essas evocações particulares que se metamorfoseiam em escritura restituindo formas fantasmáticas do passado. Ei-las: Georges Bernanos sobe as escadas para visitar o amigo

⁶ MENDES, Murilo. *Papiers*. In: *Poesia Completa e Prosa*, p.1599.

doente, sente dificuldades por causa da invalidez, parece cansado aos olhos do poeta, lá fora é o Rio de Janeiro. O tempo é a Segunda Guerra Mundial.

BIBLIOGRAFIA

BERNANOS, Georges - *Oeuvres Romanesques*. Paris: Éditions Plon, Seuil, Gallimard, 1961 (Bibl. Pléiade).

_____ - *Le Chemin de la Croix des Âmes* (Org. Brigitte et Jean-Loup Bernanos). Monaco: Ed. du Rocher, 1981.

_____ - *Romans* (Préf. Michel del Castillo). Paris: Plon, 1994.

BÉGUIN, Albert (org.) - *Georges Bernanos*. Paris: Ed. de la Baconnière, Neuchatel, Seuil, 1949.

BOSI, Alfredo - *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ESTÈVES, Michel - *Georges Bernanos - Un Triple Itinéraire*. Paris: Hachette, 1981.

GUIMARÃES, Júlio Castañon - *Territórios/Conjunções* (Poesia e Prosa, Críticas de Murilo Mendes). Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MARTINS, Wilson - *História da Inteligência Brasileira*. Vol. VI. São Paulo: Cultrix, 1978.

MENDES, Murilo - *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MENDES, Murilo - *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.

MOURA, Murilo Marcondes de - *Murilo Mendes : A poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

NAVA, Pedro - *O Círio Perfeito. Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.